

SE AO MENOS AS ESTRELAS FOSSEM PEQUENAS...

Zé Mariano*

*Zé Mariano é poeta, pesquisador e professor. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma faculdade, lidando com temas como literatura afro-brasileira, estudos culturais, relações raciais e estudos de gênero. Foi editor da revista Crioula, publicação virtual de pós-graduandos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da USP. Atua também como educador em torno de temas como literatura, educação e relações étnico-raciais.

SE AO MENOS AS ESTRELAS FOSSEM PEQUENAS...

Se ao menos as estrelas fossem pequenas o suficiente para chamá-las de minhas, as colocaria em cima da fogueira para amassá-las e untá-las, tornando-as o pão de cada dia, corpo do meu corpo.

Se ao menos fossem minhas, as enfileiraria objetivando apenas o sumário fuzilamento. Pois o princípio da morte é sempre a morte em si.

E as estrelas se tornariam pintassilgos de cor rubrosa, pois é esta a cor do sangue que goteja da boca do senhor,

da cabeça decepada da galinha, do pranto dos

abençoados amantes do desespero.

E se ao menos as estrelas fossem pequenas o suficiente

quem sabe poderia escrever um verso completo que dissesse, simplesmente.

E se ao menos pudéssemos chamá-las de gotas do mar, ou de lágrimas de todos nós,

ficaríamos felizes pois, sim, o mar é infinito

e sabemos que, enquanto trastejamos em dois o corpo morto no navio, secamos também essas mesmas lágrimas com o lenço dado pela Sinhá...

(mas os grãos no céu farão sua parte e levarão o corpo para além do mar e da sombra)

E as estrelas insistem em romper nossos apelos e perdões por desgraçarmos a raça, por termos ousado sonhar com estrelas pequenas, chamando-as de nossas, colocando-as em cima de nossas fogueiras para amassá-las e untá-las,

tornando-as o chicote que nos açoita o peito mais opaco,

a nos ensinar, desde pequenos, a não ousar brilhar neste céu desterrado.

Quem sabe assim poderia um dia abraçar-te, Falar-te no ouvido que te amo,

Assim como falou aquela estrela enfileirada Prestes a ser fuzilada.

E se sento e aguardo olhando a imensidão do mar e do negro céu, É porque sonho um dia me tornar pequeno o suficiente,

para ser completo no que fere, no que mata e

no que diz.

BOCA DE FORNO

Corte
os lapsos
de vozes.

Sons,
sussuros
hiatos.

Ao longe,
o tom
agudo.

Fagulha.

Incêndios.

A pele
queimada.

(Nem tanto.)
(Nem tanto.)
(Nem tanto.)

Titubeei,

Cai
do segundo
andar.

Voei.

Como quem acreditou ser possível voar.

“

PASSING"

Hoje completei os anos finais de minha vida.
Vi brotarem foices e navalhas
sobre as costas dos receptores
obrigando-os a dizer que, sim,
é forte o açoite da vergonha.
Envelhecer condiz com a regra
de estar presente para os
amantes do rito de passagem.
Reiterando a vontade escondida de
estar envolto à terra arada,
aos ossos e às lascas dos que se foram.
Pois sei: "tornar-se mais experiente"
é saber que entre a Morte e a Morte,
existe muito menos do que o suspiro do louvor,
Aflige-se muito menos
o atentado ao pudor,
Compreende-se muito menos os cânticos sagrados do tempo.
E dizer-se sem cantar,
É dizer-se sem Tempo, propriamente
(isso não me atrevo).
Pois hoje completei os anos finais de minha vida.
E carregarei pro túmulo,
o fruto desgostoso
de não ter sido fêmur,
semente
ou ponteiro de relógio...
A avisar que o cão sorriu.